

RYOKI INOUE

A BRUXA



Título original: A Bruxa, de Ryoki Inoue

© **Copyright 2000** — edição eletrônica — by Ryoki Inoue

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra, com fins comerciais, por qualquer meio, em seu todo ou em partes, sem a autorização expressa do Autor e da Editora.

Editoração eletrônica e diagramação

Georges Kirsteller

Arte da capa:

Nicole K.

CDD — 869.935

CDU — 92-2075

ISBN — 85-86345-223-8

“Os fenômenos sobrenaturais devem ser interpretados como manifestações de uma naturalidade de ordem mais elevada, à qual os sentidos físicos somente respondem de modo limitado, e a comunicação com esse mundo superior pode ser estabelecida por meio de uma gama de sentidos paranormais que operam junto aos sentidos convencionais, mas que na prática são muito pouco usados.”

LOIS BOURNE

CAPÍTULO I

Primavera em Paris...

O sol, ao se levantar por trás de Notre Dame, fazia com que seus raios, percorrendo a Rue de la Huchette ao comprido, fosse iluminar diretamente a Place St.Michel. Um pouco adiante, quase paralelo ao sentido da pequena rua, o braço meridional do Sena margeava a Ile de la Cité, carregando barcaças cheias de mercadorias que se dirigiam para o Havre. Do outro lado do rio, podia-se ver a Conciergerie e o Hospital Municipal enquanto a leste, estava o Quartier Latin e o Musée de Cluny.

O chafariz com golfinhos de pedra da Place St.Michel ficava bem em frente ao Café de la Gare, o primeiro estabelecimento a se abrir na manhã para servir os trabalhadores que chegavam pelo subterrâneo e os que, das vizinhanças, engoliam apressados um café com croissants, antes de descerem para o Metrô. Eles passavam diante da banca de jornais à entrada da estação, sem a menor vontade de gastar quatro sous para adquirir um matutino. Afinal de contas, o que estava acontecendo não era tão importante assim que os forçasse a ficar sem o café da tarde apenas para tomarem conhecimento das decisões do governo...

Decisões que nunca levavam em consideração a opinião do povo e que todos sabiam muito bem estarem visando apenas o bolso dos que as tomavam.

Do outro lado da praça, diametralmente oposto ao Café de la Gare, ficava o famoso restaurante Rouzier, sofisticado para levantar suas portas de aço antes de onze horas da manhã.

Desembocando na Place St.Michel, a Rue de la Huchette não tinha mais do que trezentos metros de comprimento e suas casas, antigas, mal conservadas, mostravam bem que seus habitantes eram pobres, pessoas que lutavam com as mais diversas dificuldades

para sobreviver. Ali, naquele pedaço de Paris, o dinheiro curto era uma constante e é até difícil explicar como conseguiam se manter os estabelecimentos comerciais do lugar, uma vez que ninguém dispunha de muito para gastar.

A parte média da rua era cortada, porém sem ser atravessada, por duas outras, ainda menores que ela, a Rue Zacharie e a Rue du Chat qui

Pêche, nome este devido à história de um gato que, antes da Primeira Guerra, ali andava perambulando e roubando de tudo quanto se pudesse comer, especialmente quando o Sena enchia e a água transbordava invadindo as adegas. Dizia a história que o gato era tão esperto que, numa época em que nem mesmo os ratos conseguiam escapar da fome dos humanos, esse bichano conseguiu ficar gordo e... Não ir parar no fundo de uma panela.

Era bem na esquina da Rue Zacharie com a Rue de la Huchette, que ficava o bordel Le Panier Fleuri, cuja proprietária, Madame Mariette, era uma das poucas pessoas com algum dinheiro naquele bairro. É verdade que mme. Mariette sofria muito com a desleal concorrência que lhe fazia Mme. Lanier, a dona da lavanderia em frente, na esquina da Rue du Chat Qui Pêche, um estabelecimento que contava sempre com meia dúzia de robustas moças, muito acessíveis e alegres, que não se incomodavam de maneira nenhuma com o fato de alguns fregueses preferirem esperar que suas roupas fossem passadas enquanto eles se distraíam em atividades que a imensa maioria das mães e esposas costumam reprovar...

Mas essa concorrência, no que pudesse pesar as lamúrias e lamentações de Mariette, não fazia sombra ao movimento de sua casa, sempre bem sortida de moças bonitas e atraentes, sempre com a adega cheia de vinhos de boa procedência e, além de tudo isso, contando com a proteção dos policiais do lugar, permanentemente bem-vindos ao seu salão para um copo de vinho ou de conhaque e bem tolerados entre os lençóis das moças no andar superior...

Mesmo sem gastarem um só tostão. Madame era esperta e sabia que mais valia o apoio, a proteção e a conivência dos policiais do que qualquer dinheiro que eles pudessem querer gastar numa noite em seu estabelecimento. Madame sabia que a polícia era mal paga e que, de qualquer maneira, não poderiam se dar a grandes luxos...

Isso era justamente o que não acontecia com Madame Lantier, excessivamente antipática para o gosto dos “flics”, por demais sovina para lhes oferecer mesmo que fosse um modesto “pourboire” e sem a sensibilidade de permitir que um deles, numa noite fria de inverno, fosse aquecer os pés na cama de uma de suas empregadas.

Por isso, sempre que podiam, os policiais arrumavam uma maneira de implicar com Madame Lantier e de, no mínimo, deixá-la com raiva e com medo, obrigando-a a fechar a casa por uma ou duas noites.

Prejuízo para a proprietária e alegria para Mariette que, muito agradecida, franqueava sua adega para os policiais e determinava que suas meninas os distraíssem e satisfizessem seus mínimos desejos.

Difícil dizer se essa atitude acabava por significar lucro ou prejuízo pois, via de regra, os homens que costumavam ir à lavanderia de Madame Lantier, nem sequer eram aceitos no bordel de Mariette, exigente demais para deixar que trabalhadores suados e mal-asseados frequentassem seu estabelecimento.

Mariette chegava a ser rude e grosseira com os que insistiam e seus dois homens de segurança, Pierre e Claude, não vacilavam em pôr para fora da casa, aos pontapés, aqueles que tentavam entrar contra a vontade de sua patroa.

— Faça isso para a segurança dos que aqui vêm — dizia Mariette — Meus clientes são pessoas de bem. Não posso permitir que haja uma mistura de classes, não posso deixar que um mendigo queira compartilhar a mesa de um fidalgo!

E, com expressão horrorizada, acrescentava:

— Mesmo porque, em pouquíssimo tempo, eles estariam querendo compartilhar outras coisas, não é verdade? E sabe-se lá que doenças eles podem estar carregando!

Assim dizendo, Mariette voltava a sorrir, contando:

— Como o caso desse maldito Berthelot! É tão sujo que pode estar até com sífilis... Já imaginou se ele resolve aparecer por aqui? Não posso correr o risco! Meneando a cabeça, fazendo balançar os cabelos muito louros, finalizava:

— Por aí você vê como eu tenho razão... Como o asseio e o aspecto físico têm importância... Eu jamais deixei que esse miserável entrasse em minha casa!

Erguendo o nariz, Mariette encerrava o assunto lançando um olhar irado para o outro lado da rua, para a pequena casa encravada entre a lavanderia e a mercearia de Jean-Marie Gounot, a casa onde Berthelot Hoche vivia com a mulher e a filha.

Berthelot sabia que Mariette não se cansava de dizer coisas horríveis a seu respeito.

No fundo, ele nada podia fazer, não lhe era dado o direito de contestar suas palavras pois, além de serem verdadeiras, havia os dois gorilas a soldo da cafetina que não lhe deixariam um só osso inteiro no corpo se ele ousasse sequer replicar.



Berthelot era obrigado a calar, a suportar tudo aquilo e ainda por cima, aguentar as admoestações de sua mulher:

— Você não presta para nada, mesmo! Ainda se tivesse dinheiro, nós poderíamos mudar daqui, poderíamos ir para um outro lugar onde fôssemos respeitados!

Judith Hoche tinha toda a razão de reclamar. Com o marido sem ganhar um tostão furado, ela era o esteio da família, vendendo seu corpo para poder comprar comida.

Sim...

Judith Hoche também fazia concorrência a Mariette.

Era uma concorrência ainda mais débil do que a das meninas de Madame Lantier mas... Era uma concorrência e os homens que a procuravam, não iam ao bordel Panier Fleuri...

Com isso, com a autoridade que lhe era conferida pelo fato de ser quem sustentava o lar, a mulher se dava o direito de xingar Berthelot e, às vezes, até mesmo de bater nele.

E Berthelot ficava calado.

Engolia sua revolta, humilhava-se, pedia entre lágrimas que ela parasse de lhe bater e...

No dia seguinte, voltava a pedir dinheiro para um copo de absinto, para o jogo ou qualquer outra coisa que nada tinha a ver com as responsabilidades de um pai de família.

— Você não tem a menor vergonha! — urrava a mulher — Nem mesmo se incomoda com a maneira como faço para que esse dinheiro chegue às suas mãos!

Atirando algumas moedas no chão, acrescentava:

— Tome! Vá beber! Vá jogar até o raiar do dia! Mas, pelo menos, não me incomode, não venha perturbar o meu trabalho!

Berthelot apanhava o dinheiro com um sorriso triste e cheio de revolta...

— Um dia — pensava ele — as coisas vão mudar... E eu terei dinheiro para beber um tonel de conhaque, se tiver vontade, sem ter que lhe dar qualquer satisfação!

Berthelot dizia isso olhando para a filha, então com dezesseis anos de idade e mostrando que herdara da mãe as curvas sensuais, a maneira sedutora de andar e de olhar, e a voz quente, insinuante e tentadora.

Era isso mesmo...

Ali estava a sua esperança, a última coisa com que poderia contar: sua filha!

Ela haveria de lhe render alguma coisa, haveria de ser diferente da mãe... Berthelot haveria de lhe arranjar um casamento, haveria de lhe arrumar um homem que a sustentasse e que lhe fosse pelo menos grato por ter tido participação na existência de uma tão bela mulher...

Ajuntando as moedas, Berthelot ganhava a rua sabendo que não deveria voltar, mesmo que o desejasse, antes da manhã à sua casa, para não atrapalhar o trabalho de Judith.

Um trabalho que no fundo de seu coração ele abominava mas que, ao mesmo tempo, sabia muito bem ser a única maneira de ter o que comer e o que vestir... Ele, Judith e a filha. Mas... Berthelot tinha suas manias... Suas esquisitices.

Berthelot deixava sua casa e, ao contrário do que se poderia esperar, não ia beber nos bares da vizinhança. Ia, isso sim, para os lados do Boulevard St. Germain onde, caminhando por entre os plátanos, chegava a parecer uma outra pessoa, as costas eretas, a cabeça erguida, o olhar altivo e dominador.

Entrava, então num café da Place Saint André e, pouco depois, estava conversando animadamente com algum importante senhor, um desses homens do mundo dos negócios, desses que trazem os bolsos cheios de francos e o coração vazio de amores, a existência completamente sem sal, incapazes que são de pensar em qualquer outra coisa que não o enriquecimento.

Era desses homens que Berthelot gostava.

Achava-os fascinantes, sempre falando em grandes cifras, sempre dando a impressão de que seriam capazes de ter o poder nas mãos um poder tão grande que conseguiriam mudar o rumo da política, mudar o curso dos acontecimentos da nação e, quem sabe, até mesmo do mundo inteiro...

Para o pobre Berthelot, esses indivíduos representavam quase que um papel de deuses e era com um deles que ele queria ver sua filha casada.

Só que...

Nenhum desses homens que Berthelot conhecia era solteiro...

Não que isso incomodasse muito o pobre homem. Ele não via mal no divórcio, muito pelo contrário... Se tivesse dinheiro, já teria mandado Judith para o inferno muitos anos atrás...

Porém, o fato de aqueles indivíduos serem casados atrapalhava um bocado. Se ele quisesse tentar alguma coisa com referência à sua filha, teria de aguardar que o escolhido se divorciasse e, naqueles anos finais da década de 30, o que quer que dependesse da Justiça ou de qualquer



serviço público, seria terrivelmente demorado e complicado, os passos do processo entravados por uma burocracia irracional e por uma manifesta má vontade de todos os funcionários do governo francês.

Berthelot já estava começando a ficar desanimado quanto a arrumar um marido para a filha que lhe desse algum dinheiro sem que tivesse que trabalhar ou que aguentar as palavras duras de Judith, quando conheceu Jacob Fleitcher.

Jacob Fleitcher tinha um inconveniente: era judeu...

Naquela época, ser judeu na França não era das melhores coisas do mundo uma vez que havia uma certa tendência germanófila entre muitos franceses e, conseqüentemente, um visível apoio às idéias de Adolf Hitler. Essa tendência fazia com que os descendentes de Abraão fossem discriminados em muitos lugares e em muitas atividades e fazia com que eles sofressem humilhações as mais variadas e, por vezes, privações da pior espécie.

E Jacob Fleitcher, por ser judeu, estava sendo humilhado, perseguido, discriminado...

Era um homem baixo, troncudo, com o pescoço curto e taurino, a pele muito vermelha e os olhos de um verde acinzentado que deixavam ver a tristeza que lhe ia pela alma sem, no entanto, esconder a força de sua determinação e a intensidade de sua revolta.

Quando Berthelot o conheceu, Jacob estava meio embriagado, tentando afogar no fundo de um grande copo de conhaque, os sofrimentos daquele dia e de muitos outros...

— São todos uns desgraçados! — exclamou ele com a voz já um pouco pastosa, a língua grossa e desobediente, parecendo maior que a boca — Se eles soubessem tudo o que tenho, tudo o que sou, jamais me tratariam dessa maneira!

Berthelot estava sentado ao seu lado, no balcão de um café, na Place St. André e, ao ouvi-lo dizer tal frase, interessou-se.

— Você não parece de muito bom humor... — comentou.

O judeu olhou para ele com desprezo e, incapaz de controlar suas palavras devido ao excesso de álcool, falou:

— Não sei porque está interessado... Não vê a cor de meus cabelos? Não vê o formato de meu nariz?

Antes que Berthelot pudesse se refazer do espanto, Jacob completou:

— Será possível que não tenha percebido que eu sou judeu?!
Berthelot Hoche riu alto.

Batendo nas costas de Jacob, disse:

— Ora, meu amigo! Não seria isso que me faria deixar de trocar algumas palavras com você!

Ficando subitamente sério, acrescentou:

— Principalmente porque estou percebendo que o amigo precisa de ajuda... Eu não seria capaz de deixar de estender a mão a alguém simplesmente por professar uma religião diferente da minha!

Jacob olhou para seu interlocutor com desconfiança.

Ele já tivera diversas experiências e das mais desagradáveis com pessoas que se aproximavam parecendo cheias de boa vontade e que, no fundo queriam apenas arrumar uma maneira de explorá-lo e de persegui-lo ainda mais.

Percebendo o que ia pela mente do judeu, Berthelot voltou a sorrir e sugeriu:

— Vamos tomar mais um copo? Talvez lhe faça bem e ajude a me contar o que está acontecendo...

Pousando amistosamente a mão sobre o ombro esquerdo de Jacob, finalizou:

— Se eu souber de que está precisando, talvez possa ajudá-lo... E desinteressadamente, pode estar certo! Ficarei satisfeito se apenas me convidar a beber consigo...

Jacob suspirou.

Na realidade, o que ele mais estava precisando naquele momento, era de alguém que ouvisse suas lamúrias...

Não poderia contar com os outros judeus pois estes — todos os outros judeus de Paris — o conheciam muito bem e dele não gostavam pois, além de jamais freqüentar a sinagoga, desprezara a mão de Sarah Steiner dizendo abertamente que os pais da moça quiseram forçar o casamento unicamente por estarem falidos e por terem tomado conhecimento do quanto ele possuía... Não poderia encontrar qualquer receptividade entre os não-judeus por razões óbvias: havia o nazismo, havia o colaboracionismo, havia a discriminação com pessoas espalhando boatos dando conta de que os judeus ricos como ele, estavam deixando a França e levando em suas bagagens verdadeiras fortunas em ouro, platina e diamantes.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

